

# GATILHO DE IDÉIAS P.3

Oficina de Reportagem

# Outra Pauta

GAZETA DO PARANÁ

Um grande jornal todos os dias.

Segunda-feira, 18/08/2008 - Paraná

Ed. 18 / Ano I

CRÔNICA

## NO BOTECO COM MAIAKOVSKI

Diego Krüger (Jornalismo - UNIVEL)

Como quem divaga, falo a ti amigo. Das flores que roubaram do jardim de Eduardo ou da voz arrancada de nossa garganta. Porque eu nunca pisei descalço num chão úmido, não me importei com os que vão sem sapatos à escola. Porque nunca passei fome, nem liguei para o que era servido na merenda. Como seria se, por caridade, abraçasse o mundo todo num afago que não sei como fazer por nunca tê-lo a desarrumar minhas melenas? Seria o sol da meia-noite no Norte do globo, sob o eclipse de nossos pensamentos, a passar triste num céu de blues? Porque nunca chorei de frio ou esqueci o casaco em algum banco, mesmo que no outono os pássaros migrem para o Sul fugindo das intempéries do tempo. Não, Maiakóvski, eu nunca chamei o professor pelo nome por não me importar com aquilo que não sei além dos meus próprios olhos. Os judeus sobreviveram apesar de tudo. Você ainda luta por uma batalha perdida. Vida, vida. Nove fora, e o que resta no final das contas?

Porque sempre tive cadernos, não aprendi a escrever por cima de retratos emoldurados nas paredes da lembrança. Pois a história é escrita com a letra e o punho de quem sobreviveu à batalha. Não de quem realmente a lutou.

Toma mais um gole, poeta. Pra espantar a azia viva e latejante dos desejos súbitos do não se importar. Brindemos as carteiras quebradas de alguma escola de subúrbio que espera pela ordem ou ao menos o progresso atrasado. Rejubilemo-nos à sagacidade das cotas para negros, pobres e marginalizados nas universidades que todo mês saem das economias que nem vemos crescer. Quem soará o sinal na hora tão esperada do recreio que nunca vem? Cantemos o hino da liberdade assistida, à sombra da bandeira ostentada no mastro da servidão subjetiva.

Enquanto o copo não esvazia, cantemos, poeta, a canção que nunca aprendi:

Minha mãe não sabia ler  
E eu fui criado analfabeto, ao vento  
Aprendi a contar estrelas  
E a entender o tempo  
Hoje me trazem livros com histórias dos outros  
Para civilizar-me junto aos índios [desta selva]  
E deixo na relva, solta à outra lua  
Pedacos daquilo que aprendi na rua  
Enquanto guardava carros  
Enquanto fazia malabarismo [para comer]  
Eu não tenho sapato  
Não me julgue  
Não me deixe  
Viver sem ter para onde ir  
Perdido na missa de domingo  
Juntados às folhas  
Dos travesseiros dos mendigos. ☐

☐ Alusão ao Texto de Eduardo Alves da Costa

## EDITORIAL PRANAYAMA

Chega o momento de inflar os pulmões para recomeçar tudo mais uma vez. O jornalismo vive disso: retomadas sucessivas de uma mesma empreitada. Sob o domínio de Sísifo, rolamos nossas pedras ladeira acima todos os dias já conscientes de que na manhã seguinte as encontraremos no mesmo lugar. Às vezes a inclinação do dia se acentua e uma ou outra pedra tem seu peso como expressão de um caminho mais difícil. Moto-perpétuo.

Máquina de movimento contínuo no caminho que liga a aurora ao ocaso. Momentos do dia que assinalam a passagem, a mudança. Fronteiras guardadas por Hermes, protetor de todos os viajantes. Os gregos, quando se colocavam a caminho de algum lugar, depositavam uma pedra ao lado da estrada para que a divindade zelasse por seus destinos. Do gesto nasciam os *Hémaiôn* – pilhas de pedras consagradas a Hermes que se formavam principalmente nas encruzilhadas.

O primeiro nome dessa paisagem que hoje se conhece como Cascavel foi justamente Encruzilhada. Aqui depositamos mais uma pedra nesse caminho semanal percorrido sempre em busca de outras pautas. Nessa edição trazemos a colaboração de alguns participantes da

primeira turma da oficina e também um material com o qual saldamos uma dívida – pelo menos parcialmente: apresentamos algumas referências conceituais que serviram de estrutura para o desenvolvimento das atividades que vencemos juntos nos últimos quatro meses. Aproveitamos também esse momento de transição para abrir um novo espaço dentro do projeto original. "Patchwork" é uma colcha intertextual de retalhos para funcionar agenciada ao que o caderno apresenta semanalmente em suas narrativas.

Para a edição da próxima semana já estamos compondo uma nova equipe com a qual levaremos adiante o projeto. O resultado dos testes que aplicamos nos cursos de jornalismo para seleção de nossa nova equipe será divulgado em nosso blog a partir de amanhã. Na próxima segunda-feira, portanto, recebemos na reunião de pauta os novos participantes que vão estar também já apresentados para o nosso público leitor. Os textos produzidos pelos candidatos aprovados serão publicados no Outra Pauta nº 19. Desde já agradecemos aos alunos que participaram da primeira turma e a todos que contribuem conosco nessa tarefa nem sempre fácil de manter no peito inflado uma viva vontade de ser jornalista. ☐





# PARA AFINAR OS INSTRUMENTOS CAIXA DE FERRAMENTAS

Silvio Demétrio

"Não cabe temer ou esperar, mas buscar novas armas." Gilles Deleuze em "Post-Scriptum Sobre as Sociedades de Controle"

Durante os quatro meses de convivência semanal os participantes da primeira turma do Outra Pauta pediram uma relação de referências sobre os conceitos que norteiam o projeto. Toda oficina que se preza tem sua caixa de ferramentas. Aqui vai uma sucinta seleção comentada de algumas obras cuja leitura embasa conceitualmente a concepção teórica do Outra Pauta.

**BAKHTIN, Mikail. Marxismo e Filosofia da Linguagem. Brasília, Hucitec, 1995.**

Obra em que o teórico russo define todo e qualquer signo lingüístico como signo ideológico, isto é, como um falseador de uma realidade. Podemos então tomar o signo ideológico como um simulacro, ou seja, uma cópia sem modelo. Se não somos platônicos e não acreditamos num plano ideal de puras essências, isto significa que temos acesso somente à realidade do simulacro à qual está conformada a linguagem. Escrever ou falar sobre algo, ou expressar-se em qualquer outra modalidade de linguagem, é, de certa maneira encarregar essa potência de falseamento de afirmar o real. Para isto, é necessário, segundo Bakhtin, não perder de vista esta realidade do

signo lingüístico. Toda ideologia encontra-se no plano dos conteúdos. Portanto para atingir o processo pelo qual um signo dispara seu processo de significação temos de nos voltar para a materialidade mesma da linguagem. Essa materialidade, para Bakhtin, está no significante assim como na intuição poética de Mayakovski quando ele afirma que "não há arte revolucionário sem forma revolucionária". A forma é o significante. É sobre ela que se operam mudanças, não na ênfase sobre o conteúdo - característica central das convenções de mercado e que grande parte das graduações em jornalismo reproduz acriticamente.

**DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. O Anti-Édipo. Rio de Janeiro, Imago, 1976.**

Primeira obra em conjunto de Félix Guattari e Gilles Deleuze. Como o próprio nome indica, o livro é uma crítica às leituras reducionistas da psicanálise. Segundo os autores, a psicanálise insiste em que todo investimento da libido é interpretado segundo a metáfora de um drama familiar. O Inconsciente então não passaria de um palco onde esse drama seria constantemente encenado. Ao contrário de uma psicanálise, Deleuze-Guattari propõem uma esquizoanálise: uma inversão do processo de interpretação do método freudiano. Se a psicanálise funda-se no trato com o ego e suas neuroses, a esquizoanálise vai justamente buscar o momento em que este se abre para o social e esfase-se na esquizofrenia. É que para Deleuze-Guattari o desejo é produção e não representação. O desejo apresenta algo que é produzido em seu processo constitutivo. O desejo seria então a atualização de uma virtualidade e não dado a partir de uma carência básica. A esquizoanálise proposta por Deleuze-Guattari nos serve de plano metodológico sobre o qual trabalhar as relações estéticas entre jornalismo e literatura. O Anti-Édipo é um arsenal de conceitos filosóficos com o qual começar o trabalho: pensar as articulações entre os campos da literatura e do jornalismo. Seguindo Deleuze e Guattari, todo fenômeno comporta uma linha de molar e outra molecular, isto é, uma que recorta o fenômeno como uma totalidade e outra que se estabelece ao nível de sua estrutura fundamental, que mostra as relações interiores as quais são formações de elementos heterogêneos. Temos então uma linha molar do jornalismo com a construção teórica que o cerca e o

gundo ao país inteiro. Entre os anos de 2001 a 2003, tirou uma "folguinha" onde montou mais 5 faculdades. Sem contar coisas que não anotem enquanto conversávamos, por achar que o pequeno papel que eu levava, não ia suportar tanta história.

Valeu a pena professor? Eu pergunto olhando o fixamente. Com um sorriso, ele responde afirmativamente. "Eu não mudaria uma vírgula do que fiz. Valeu muito". Boa aula, mestre.

entrando antes na sala de aula, dizendo bom dia aos amigos. "No primeiro dia quando entrei na sala, todos levantaram pensando que eu era o professor", comenta com os olhos brilhando de lembrança. "Anota aí, anota aí", dizia ele, para que eu não perdesse a cronologia de sua fala. "Fui sentar no fundo da sala. A molecada, que tinham entre 15 e 16 anos, ficou me olhando. Precisa antes de tudo humildade, sabe?"

Depois de terminar o "científico", seguiu seu caminho e nunca mais parou. Um curso superior não foi o bastante. Fez três. Matemática para os músculos, Ciências Biológicas para relaxar e Pedagogia para a vida de ensinar. "Segui a área de exatas no começo, mas ensinar sempre foi o que me motivou a aprender", conta o professor com disposição para falar de como é bom aprender durante horas se fosse necessário. "Depois fiz algumas pós-graduações", diz ele. Então ousou perguntar quantas. "Foram onze. Este ano entrei na décima segunda. MBA pela Fundação Getúlio Vargas". Antes que eu retomasse o fôlego, ele emendou: "Ah, e tenho dois mestradados. Em Gestão Universitária e Estatística".

Com a calma de quem sabe o que fala, e a humildade raramente vista, o professor também contou-me da sua vida de fazer ensino, além de ensinar. Ele foi Secretário da Educação de Cascavel entre 1993-96. Montou e fundou a Univel. Hoje é membro do corpo de avaliação do MEC, que percorre o país avaliando a implantação de cursos superiores. Foi convidado para trabalhar na Unesco, preferiu ficar por aqui. Foi diretor de escola. É professor até hoje. Implantou o curso de Processamentos de Dados nas escolas na década de 80, quando todos achavam que não iria dar em nada. Daqui esse projeto se ganhou pelo Estado, daí ganhou asas, che-

# Coração de estudante

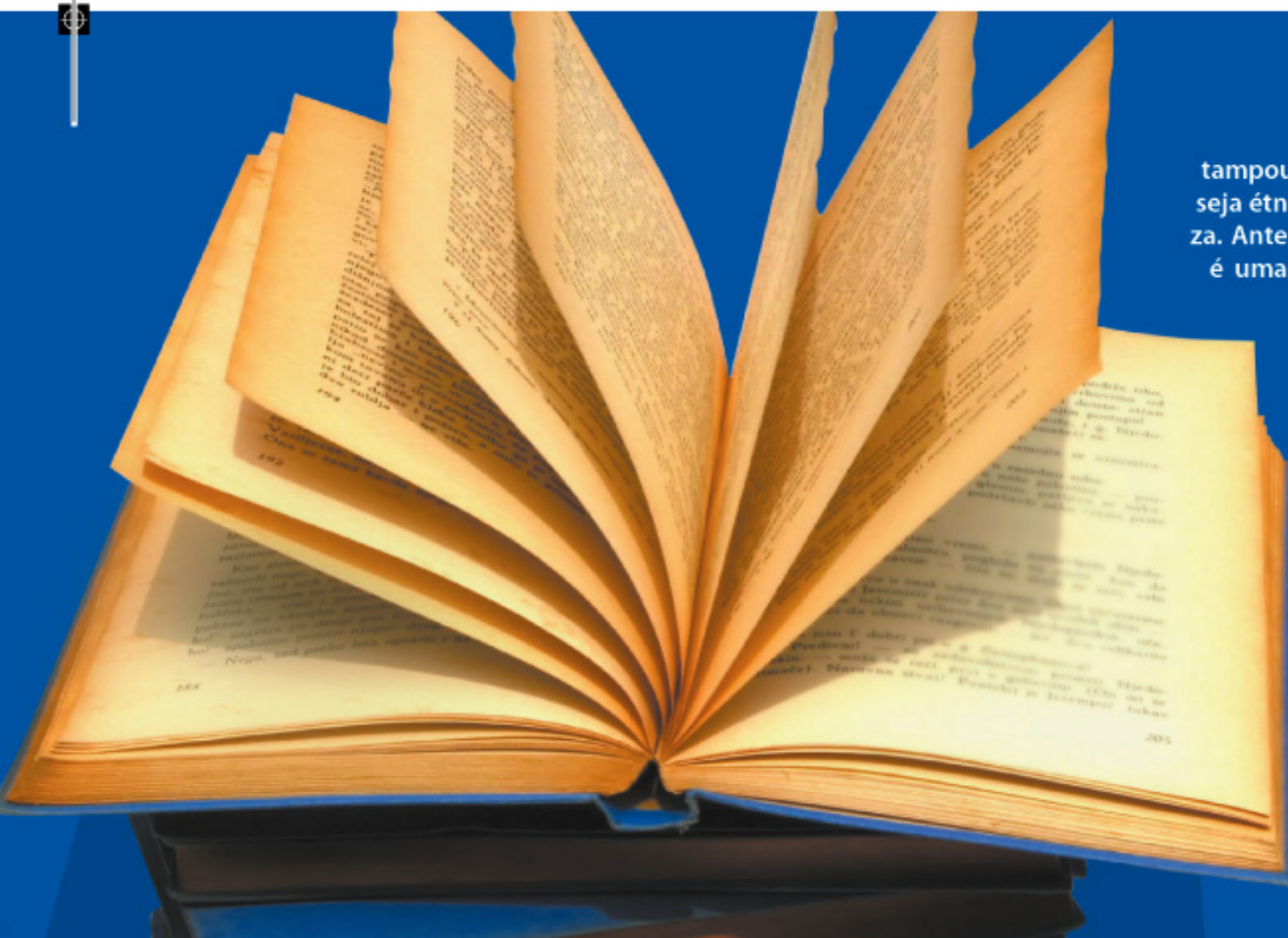
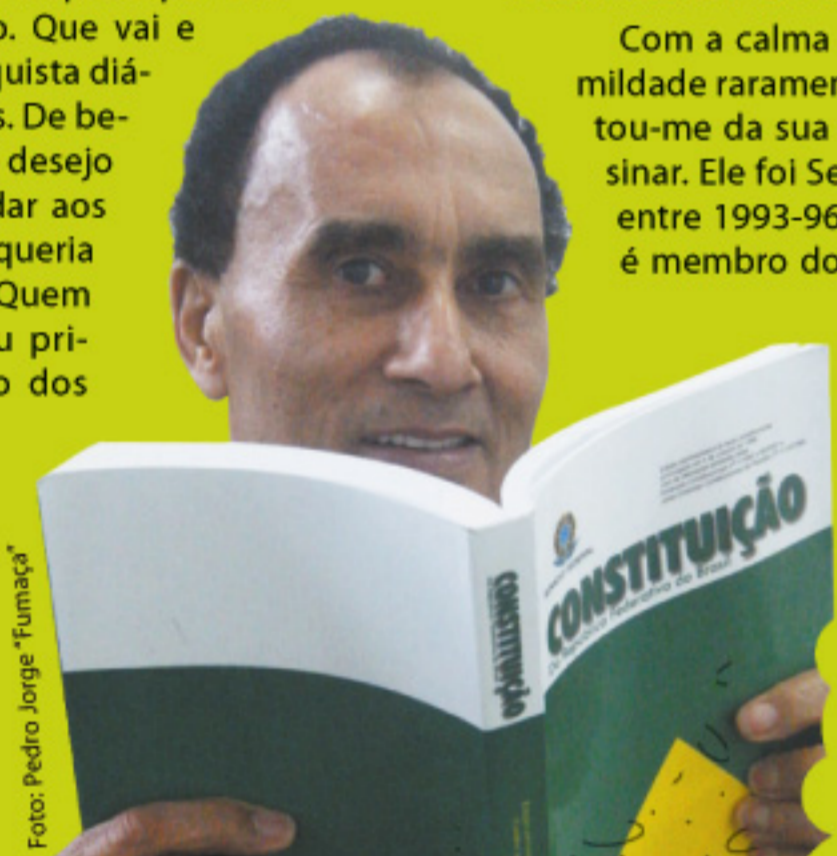
Diego Hrúger (Jornalismo - UNIVEL)

avoca, avoca que sai minhoca. Para adubar. Para adubar a vida. Para aerar os pensamentos soltos. Soltos numa tarde quente onde os átomos de luz se propagam no vazio do vento. Sol à pino. Sol à pino numa labuta repetida aos sons da enxada. Pega na pedra, sai falsa. Suor cai da testa e rega a semente. Um buraco, mais uma semente. Mais uma gota de suor e pode fechar o buraco. Os passarinhos não virão comer, tem espantalho vigiando o milhará. Tem a sede incomodando a garganta. E água? Tem não senhor. Tem o sol, tem a tarde sem vento.

Como estudar depois de 22 anos de roça? Do trabalho sol-à-sol, quando o descanso se faz raro pelas bandas de cá? Como estudar morando no interior que parece ter sido esquecido por quem quer que seja? Ele não desistiria. Nunca. Eu o conheço. Tive prazer em tê-lo como norteador de minhas insignificantes dúvidas, quando como quem pensa que é seu, o pior dos tormentos, eu lá pedir ajuda.

Nilton Nicolau Ferreira. Nicolau por gosto da mãe e Ferreira como ferro, por conta daquilo que não enverga, que não sai do trilho. Que vai e vence. Por parte da vida, a conquista diária de sempre querer saber mais. De beber no olho d'água do tempo, o desejo de melhorar. Começou a estudar aos 22 anos de idade. Por que não queria estudar antes? Claro que não! Quem o conhece sabe disso. Pensou primeiro na família, no sustento dos seus. Para depois ir à si, conquistar seu lugar na sombra que todo soldado precisa em tempos de guerra.

"Quando não dava para ir de bicicleta, ia a cavalo mesmo. Oito quilômetros, na sela, no selim. Pé por pé, trote por trote, com a imaginação chegando primeiro,



tampouco, uma literatura de minoria, seja étnica ou de qualquer outra natureza. Antes de tudo, uma literatura menor é uma fala que afirma uma diferença dentro de uma língua - que cria uma dicção própria dentro de uma língua. Nesse sentido é que os autores citam a frase de Proust: "as mais belas obras parecem ter sido escrita numa espécie de língua estrangeira". Uma literatura menor é sobretudo uma questão de "escrever como um estrangeiro na sua própria língua". Temos então a dimensão política deste conceito como sendo a afirmação mesma no plano da política que faz emergir um discurso silenciado pelos marcadores de poder que atuam na produção de sentido em dada língua.

**DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. Mil Platôs (v.1,2,3,4,5). Rio de Janeiro, 34, 1995-1997.**

Terceiro grande momento da produção do filósofo Gilles Deleuze e do psicanalista Félix Guattari. Nas palavras do também filósofo Antonio Negri, Mil Platôs é um tratado acerca das multiplicidades. O segundo volume de Mil Platôs (no Brasil, a editora 34 publicou a obra em cinco partes com o consentimento dos autores) trata especificamente de questões ligadas à lingüística. Ao tomar como base metodológica a obra de Deleuze e Guattari temos em mente a leitura de uma poética do jornalismo desenvolvida pelos autores do *new journalism*. Chamamos de poética do jornalismo essa linha de convergência que compreende todos os trabalhos que propõem a discussão desta prática como forma de carregá-la de sentidos. De fazer com que as ferramentas de construção de um texto jornalístico avancem no sentido de explorar as virtualidades da prática; de tornar visível o que, pelo aspecto fundamentalmente microscópico é invisível, imperceptível mesmo dentro dos horizontes que conformam o jornalismo como uma prática discursiva. Essa poética é um devir literário que atravessa o jornalismo, pois toda vez que temos uma experimentação com a linguagem, também temos necessariamente uma poética em potência.

constitui a partir do estabelecimento de gêneros e especificidades. Essa linha molar seria uma linha paradigmática: o que se pode pensar do jornalismo como uma modalidade de produção de sentido instituída, que segue determinado regime de agenciamentos que lhe são reconhecidos como próprios tais como os conceitos de fato, atualidade, comunicação, informação e etc. Nossa proposta assenta-se numa linha inversa, molecular, pois buscamos observar como o jornalismo se mistura com outras práticas significantes. Como o jornalismo pode ser desterritorializado, entendendo esse conceito deleuzoguattariano como uma abertura para além dos modelos fixos.

**DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. Kafka - Por uma literatura menor. Rio de Janeiro, Imago, 1977.**

Literatura menor é aqui definida como, primeiramente, a que leva uma língua a uma desterritorialização. Em outros termos, uma literatura menor é aquela que atualiza uma virtualidade, ou seja, que dá voz a algo inaudito em uma língua. Esse sentido silenciado que passa a ter uma voz é o devir menor de toda a literatura. Há aqui uma convergência com o conceito de carnavalização da literatura de Mikhail Bakhtin. Deleuze-Guattari chamam a atenção para o fato de que uma literatura menor não significa uma literatura de menor valor estético, nem,

**GUATTARI, Félix. Caosmose - um novo paradigma estético. Rio de Janeiro, 34, 1992.**

Na página 31 da tradução brasileira desta obra Guattari escreve: "Nessas condições, cabe especialmente à função poética recompor universos de subjetivação artificialmente rarefeitos e re-singularizados. Não se trata, para ela, de transmitir mensagens, de investir imagens como suporte de identificação ou padrões formais como esteio de procedimento de modelização, mas de catalisar operadores existenciais suscetíveis de adquirir consistência e persistência". Tomando como base esse trecho extraído do livro, é sobre essa perspectiva que empregamos o termo poética em nosso trabalho. Quando Guattari fala em "ope-

*radores existenciais*", isto quer dizer que são elementos que trazem à existência algo que antes era uma potência, uma virtualidade, logo, os índices que nos permitem caracterizar uma literatura menor. Esta é então uma poética subjacente a toda literatura menor, essa emergência de algo que vêm à existência, que é produzido. Lembramos que o termo poesia vem do grego *poiésis*, que literalmente significa "fazer".

**FRUS, Phyllis. The Politics and Poetics of Journalistic Narrative - The Timely and the Timeless. New York, Cambridge University Press, 1994.**

Como o próprio título já assinala, esta obra é fundamental por dar subsídios para uma discussão sobre o jornalismo segundo uma perspectiva dada pela teoria literária. A autora faz um exaustivo levantamento sobre a produção de literatura de não-ficção em língua inglesa, relacionando esta produção ao jornalismo literário. Segundo Phyllis Frus, o jornalismo permite uma apropriação literária toda vez em que forma e conteúdo estabelecem relações formais de correspondência. Em outras palavras, quando existe uma certa performatividade da linguagem portanto. O método pelo qual Frus propõe como abordagem estética do jornalismo é a leitura reflexiva, o que significa identificar os momentos na produção de não-ficção de determinado autor em que ocorre essa linguagem performativa. Como exemplo a autora demonstra esse método na leitura de um conjunto de relatos/narrativas de Stephen Crane, escritor-jornalista que trabalhou para William Randolph Hearst no começo do século XX e que escreveu a famosa reportagem do chamado jornalismo amarelo "The Open Boat", a qual mais tarde seria publicada novamente como conto. Frus analisa as duas versões do relato para identificar os momentos em que Crane altera estilisticamente a narrativa. O mesmo procedimento é possível no caso de Hemingway, outro escritor-jornalista que utilizou material coletado como repórter como base para seu trabalho literário. No caso de Hemingway a leitura reflexiva é até mais rapidamente estabelecida dado que o estilo literário deste autor é marcado pela concisão - influência de seu trabalho como correspondente na Guerra Civil Espanhola, quando as matérias eram transmitidas via telégrafo, o que exigia de Hemingway o desenvolvimento de todo um estilo sóbrio e econômico de escrita.

**STEPHENS, Julie. Anti-Disciplinary Protest - sixties Radicalism and Postmodernism. New York, Cambridge University Press, 1998.**

Julie Stephens é uma pesquisadora australiana que define a contracultura como uma forma de protesto antidisciplinar. Com isto a autora remete sua discussão à perspectiva foucaultiana que propõe uma leitura da contemporaneidade como marcada pela passagem de uma sociedade disciplinar a uma sociedade de controle. A contracultura seria um fenômeno paroxístico da perspectiva disciplinar de modelo de sociedade. Esta definição é fértil no que permite tangenciar outra definição canônica de contracultura, a de Theodore Roszak, que vê o fenômeno como uma prática política que não se enquadra, logo, não é imediatamente enquadrada dentro das estratégias políticas orientadas pela convenção que provoca um estriamento do espaço da política segundo os eixos da esquerda e da direita. Daí a leitura de Stephens considerar a contracultura como um discurso transversal, antidisciplinar.

**GOMES, Mayra Rodrigues. Jornalismo e Filosofia da Comunicação. São Paulo, Escrituras, 2004.**

Livro fundamental porque nele se caracteriza o jornalismo como dispositivo disciplinar. O *new journalism* como parte da contracultura pode ser pensado então como uma reversão, ou, perversão do jornalismo segundo sua estratificação em relação aos poderes estabelecidos? Agenciado à obra de Julie Stephens comentada acima o estudo da professora Mayra Rodrigues Gomes fornece um conceito de jornalismo pertinente às possíveis discussões que podem ser entabuladas sobre este campo de práticas discursivas segundo a perspectiva dos autores pós-estruturalistas: Deleuze, Guattari, Derrida, Lyotard e Foucault.

**JOHNSON, Michael. El Nuevo Periodismo - La prensa underground, los artistas de la no ficción y los cambios en los medios de comunicación del sistema. Buenos Aires, Troquel, 1975.**

Estudo sobre o *new journalism* que se tornou referência obrigatória em relação ao tema já que foi uma das primeiras sistematizações que se fez sobre o assunto. Nele Johnson faz um levantamento histórico das raízes do gênero de não ficção, definindo o *new journalism* como uma modalidade que rompe com o agendamento temático da grande imprensa. Por *new journalism* Johnson entende tanto a produção de autores como Tom Wolfe e Truman Capote quanto a imprensa underground que se desenvolveu na esteira das manifestações pacifistas e em prol do reconhecimento dos direitos civis dos afro-descendentes os EUA e contra a guerra no Vietnam durante os anos 60-70.

# GATILHO DE IDÉIAS PATCHWORK

"Quando eu a recito ou quando eu a escrevo, uma palavra, um mundo poluído - explode comigo e logo os estilhaços desse corpo arrebatando, retalho em lascas de corte e fogo e morte (como napalm) espalham imprevisíveis significados ao redor de mim: Informação. Informação: há palavras que estão nos dicionários e outras que não estão e outras que eu posso inventar, inventar. Todas juntas e à minha disposição, aparentemente limpas, estão imundas e transformaram-se, tanto tempo, num amontoado de ciladas.

Uma palavra é mais do que uma palavra, além de uma cilada. Elas estão no mundo e portanto explodem, bombardeadas. Agora não se fala nada e tudo é transparente em cada forma; qualquer palavra é um gesto e em sua orla os pássaros de sempre cantam nos hospícios. No princípio era o verbo e o apocalipse, aqui será apenas uma espécie de caos interior tenebroso da semântica. Salve-se quem puder".

(Torquato Neto na Geléia Geral de 8 de outubro de 1971 (sua coluna no Última Hora)

"(...) ocupar espaço, amigo, estou sabendo, como você, que não está podendo haver jornalismo no Brasil e que -já que não deixam - o jeito é tentar, não tem outro que não seja desistir. e eu sinceramente acredito que não está na hora de desistir: ou a gente ocupa e mantém a porra do espaço, pra utiliza-lo, pra transar, ou a gente desiste. Eu prefiro o sacrifício".

(trecho de uma carta de Torquato Neto a Almir Muniz reproduzida em "Torquatlã - Do Lado de Dentro", Ed. Rocco)

**Outra Pauta**

**GAZETA DO PARANÁ**

**DIRETOR-PRESIDENTE**  
Marcos Formighieri

**DIRETOR ADMINISTRATIVO**  
Guilherme Formighieri

**EDITOR OUTRA PAUTA**  
Prof. Dr. Silvío Demétrio

**REVISÃO**  
Prof. Dr. Silvío Demétrio

**PROJETO GRÁFICO E ILUSTRAÇÕES**  
Douglas Menezzazi

outrapauta.wordpress.com  
outrapauta@gazetadoparana.com.br

**EQUIPE**  
Alexandra Tibes  
Amábyle Sandry  
Bruna Hissae  
Diego Krüger  
Kathleen Simony  
Neyfi Müller  
Mariana Lioto  
Núbia Lisiane da Costa

**CONTATO**  
Rua Fortunato Beber, 868  
Jardim Pacaembu  
Cascavel - Paraná - Brasil  
CEP: 85808-360  
PABX: +55 45 3218-2500



## VIDA VIRTUAL

## UM DIA NO JARDIM DA ADOLESCÊNCIA ---?

Kethleen Simony (Jornalismo - FAG)

No site de relacionamentos quando o assunto é escola, logo encontramos muitas dúvidas e também reclamações. Aqui numa terra sem lei, aqueles que são muitas vezes chamados "aborrecentes" tem um refúgio irreal para pôr em prática atitudes que no dia-a-dia talvez não fizessem o menor sentido, e até mesmo lhes causasse embaraço.

As primeiras das mais de mil comunidades só no Brasil tratam de dúvidas dessa fase da vida, e também uma forma de expressar que são diferentes, mas que participam de um grupo: definitivamente querem encontrar quem lhes faça parecer mais aceitável ao mundo real.

Em muitas das salas virtuais os adolescentes se encontram para discutir, por exemplo, o que vão ser da vida, e também de certa maneira para expressar esse sentimento da fase pela qual estão passando: não são crianças, nem jovens; não são adultos, e boa parte nem tem emprego, são simplesmente filhos: estudantes.

A capacidade de transformar coisas banais em mera piada também é uma característica dessas comunidades, veja o nome de algumas delas: "queria usar o Google na prova", "professora, fiz, mas esqueci em casa", "eu não mato aula, ela é que me mata", "eu não colo, eu uso lembrete". Esses e muitos outros temas são maneiras que os adolescentes encontram para extravasar.

Veja por exemplo este comentário na comunidade: "Eu passo bilhete na sala de aula", uma das atitudes que deve arrepiar os cabelos e desafiar a paciência de muitos professores em escolas públicas ou particulares: "Quando algum professor acaba pegando os meus bilhetes não pode ler porque eu e meus amigos colocamos tudo em código. Além disso, temos vários truques: colocamos o papelzinho dentro da cola, do apontador, na agenda... Mas tem um que supera todos: é só fazer um furo na borracha redonda, então corta metade da borracha e é só colocar o bilhete dentro e tampa: insuperável!"

Mas para quem pensa que essas 'crianças crescidas' só aprontam ou reclamam, estão bem enganados: há comunidades para encontrar pessoas que estudam no mesmo Colégio, ou sala, há também grupos de interesse por obras ou autores, e pasmem: discussões como o sistema de cotas, e a percepção dessa necessária lei de inclusão que exclui. Outras até tentam livrar o lado daqueles que vão mesmo à escola para "ver os amigos", e justificam: "mau aluno... Mas boa pessoa".

Há também as altruístas: "gosto de dividir o que aprendo com outras pessoas", "eu amo meus colegas de escola", e até comunidades contra a xenofobia, e também daqueles que sentem "saudades do tempo da escola".

As comunidades e o mundo virtual crescem visivelmente em acesso todos os dias, além dos sites de relacionamentos, há possibilidades através da internet que ainda surpreendem e desafiam

a capacidade de saber até que ponto esta ferramenta, se bem utilizada, pode colaborar para o desenvolvimento desse Ser em transformação em tempo real "o estudante".

Sites oficiais como o do Governo Federal, e de Cultura são exemplos de informação bem aplicada, que sugerem mais conhecimento através da pesquisa, o mesmo vale para páginas que oferecem livros digitalizados para leitura grátis, portais de faculdades para pesquisa de vestibulares, e até mesmo chats com pessoas de todos os lugares do mundo que trazem em tempo real a possibilidade instantânea de 'treinar' a língua aprendida nas salas de aula.

Creio que se pudéssemos definir o período pelo qual a internet está passando, devíamos compará-la a um adolescente de 13 anos: cresce a cada dia, ainda pouco sabe como vai seguir daqui por diante, traz em si muitas necessidades e, às vezes, poucas regras, mas acima de tudo tem potencial se este for bem explorado.

Por isso fica uma dica para pais e filhos, estudantes e profissionais: conheça mais sobre a internet e as maneiras diferentes de se relacionar com as pessoas, e escolham se comunicar de todas as maneiras possíveis; afinal o desenvolvimento tecnológico deve servir ao homem e não o contrário. □

## CONHECIMENTO ENGAVETADO DE POUCO ADIANTA SER ESTUDANTE QUANDO NÃO SE TEM UM OBJETIVO SINCERO

Bruna Hissae (Jornalismo - UNIPAR)

PIPIPIII PIPPIII PIPPIII  
Seis horas da manhã anunciava o bendito relógio. Batia no despertador, virava para o lado pensando que poderia ficar só mais cinco minutinhos no escuro, aí escutava um barulho inexplicável e assustador:

- HEI HEI tá na hora de levantar! Você vai perder o horário do ônibus e eu não vou te levar para escola! ACORDA MENINO!!!

Era mais uma daquelas deliciosas manhãs de inverno e, toda vez que eu pensava que seria bom se a minha mãe perdesse a hora e me deixasse dormindo, mais cedo ela aparecia esmurrando a minha porta.

Levantava a contragosto como qualquer adolescente normal, me arrumava e às vezes nem percebia que o cabelo estava amassado e ia para a aula. Terceiro ano do ensino médio não é o momento mais excitante na vida de uma pessoa que nem sabe o que fazer para o resto dela. O vestibular era a única coisa que me assustava mais do que os gritos da minha mãe.

Como as coisas seriam diferentes se eu tivesse aproveitado melhor aquela época de escola-casa, casa-cama. Antes de começar a reclamar eu tenho que me apresentar, meu nome é Marcelo Figueira (o nome da fonte foi mudado para evitar constrangimentos futuros), hoje tenho 32 anos e ainda não sei o que fazer da vida.

Depois que sai terminei o terceiro ano, veio o alistamento militar e como não sabia o que fazer achei que seria melhor enfrentar o toque de levantar do que ter que deixar minha porta sofrer mais um ano com os socos e pontapés da minha mãe se eu fizesse um cursinho. O tempo foi passando e fui encontrando métodos de conseguir permanecer no quartel. Eu era forte, sempre havia prestado um bom trabalho e me dedicava totalmente ao exercício das minhas funções, até que um dia resolvi sair e tentar a vida de outra forma.

O mundo deu voltas e mais voltas, muito tempo havia passado e lá estava eu fazendo companhia para a velha porta que já havia sofrido tanto por minha causa. Sem ter uma profissão e amargurando sem um emprego, decidi que era hora de voltar a estudar. Mas aquela dúvida ainda me perseguia, o que eu vou estudar?

Só para decidir o que fazer passou mais um ano, e só consegui resolver porque comecei a trabalhar em uma instituição de ensino superior. Eu queria ser biólogo e estava decidido. Já me imaginava na função e me sentia muito feliz. Mas como são as coisas nessa vida, fiz o vestibular e não consegui passar, eu tinha dado com a cara na porta, ou melhor, sentia como se eu tivesse bati-

do na minha porta, a sensação foi terrível.

Como não consegui ingressar pela primeira opção, comecei a cursar a segunda: Matemática. Dois cursos muito ligados, não é verdade?

Não! É óbvio que não é verdade. Abandonei o curso no primeiro ano.

Aproveitando que o período letivo já estava acabando comecei a pensar na possibilidade de tentar outra área. Sentia-me frustrado de não ter tido sucesso como futuro biólogo, a matemática era um curso muito complexo, então pensei que poderia me dar bem se eu cursasse jornalismo.

Como eu havia sido transferido de setor, da fotocópia para a biblioteca, eu teria o tempo suficiente para fazer algumas leituras e poderia conciliar tudo. Lá estava eu novamente fazendo planos.

Hoje estou no último ano do curso e você deve achar que estou nas nuvens porque finalmente consegui me encaixar em um curso bacana em que eu me encontrei, não é?

NÃO, é óbvio que eu não estou realizado ainda, na verdade tenho certeza que eu nunca vou trabalhar nessa área. Eu tenho medo de que dêem risada da minha cara por fazer uma pergunta idiota, tenho medo de que a toda hora fiquem me comparando, é horrível isso!

Já me aconselharam a procurar um médico, até a repórter que está escrevendo me aconselhou a procurar um psicólogo. Eu já fiz terapia, tenho que confessar e acredito que é por causa da repressão que sofria quando criança pelos meus pais. Nasci em Lindoeste, meus pais são agricultores e tudo o que sempre ouvia era NÃO. Não posso fazer isso, você não consegue fazer isso, chegou um ponto que eu não conseguia falar não, só então fui me tratar.

Já que toquei na palavra "reprimido", eu tenho um parêntese para fazer. No começo do ano, uma professora famosa por longos discursos que mais humilhava do que nos estimulava, citou o livro 'A pedagogia do oprimido' de Paulo Freire na sala de aula. Entendam, ela não citou fazendo observações que auxiliam no crescimento, simplesmente nos deixou chocados, dizendo que não éramos capazes de fazer com que ela se tornasse mais sábia. Lembro-me bem das palavras:

- Quando eu vou para a aula, eu sei que posso sentar na frente dos meus professores e discutir com eles de igual para igual. Aqui eu não tenho isso. Quando vocês irão deixar de serem oprimidos?

Aquilo foi um tapa na minha cara. Como se todas as palavras do seu discurso opressor fossem direcionadas a mim. A única coisa que eu pensava era que nunca seria capaz de fazer nada de bom, que não conseguiria ultrapassar o nível acadêmico. Acho que eu precisarei de terapia de novo. Até pensei em dar o troco, queria comprar para ela 'O Príncipe' de Maquiavel, e fazer uma dedicatória que dissesse algo parecido com: "A única professora que prefere ser temida ao invés de ser amada". Acabei achando que seria um desperdício de dinheiro.

Bom, no final das contas, o ano está acabando, tenho certeza que não trabalharei na área e quem sabe daqui um ano eu tente fazer outro curso.

Respondendo a última pergunta dessa repórter, eu não me arrependo de ter começado a cursar jornalismo, todo o conhecimento que eu ganhei nesses quatro anos foi de extrema importância, só não sei se terei onde colocá-los em prática. □

